

Ofício

23 05

Fando e Lis

De Fernando Arrabal

(Tradução: Grupo Di Atus)

Personagens:

Lis
Fando
Namur
Mitaro
Toso

Música ↓ Alma pura II

(1) Sem a...
enferrujados, c/ música

Primeiro Ato

(Fando e Lis estão sentados no chão. Ao lado deles há um grande carrinho de bebê: preto, velho, descascado, com rodas de borracha e aros enferrujados. Do lado de fora do carrinho, uma série de objetos estão amarrados com barbante. Entre os objetos estão: um tambor, um cobertor enrolado, uma vara de pescar, uma bola de couro e uma panela de barro. Lis é paraplégica)

Lis: Quando eu morrer, ninguém se lembrará de mim.

Fando: (Carinhoso) Eu me lembrarei, Lis. Irei visitar você no cemitério levando uma flor e um cachorro. (Pausa. Fando olha para Lis, emocionado) E no seu enterro cantarei em voz baixa o refrão: "Como é bonito um enterro, como é belo um enterro, onde o ar é fácil de segurar". (Olha para ela em silêncio) Farei tudo por você.

Lis: Você me ama?

Fando: Não quero que morra. (Pausa) Vou ficar muito triste no dia em que você morrer.

Lis: Triste? Por quê?

Fando: (Desolado) Não sei.

Lis: Você diz isso só porque ouviu em algum lugar. Isso é um sinal de que não ficará triste. Você sempre me engana.

Fando: Não, Lis, o que eu disse é verdade. Ficarei muito triste.

Lis: Você vai chorar?

Fando: Farei um esforço, mas não posso prometer nada. Não sei se conseguirei! Não sei se conseguirei! Acredite em mim, Lis. Acreditar no homem

Lis: Acreditar em que?

Fando: (Pensando) Não sei ao certo, diga apenas que acredita em mim.

Lis: (Automaticamente) Acredito em você.

Fando: Desse jeito não vale.

Lis: (Alegre) Acredito em você.

Fando: Assim também não vale, Lis. Quando você quer, sabe dizer as coisas de maneira mais sincera.

Lis: (Em outro tom, não muito sincero) Acredito em você, Fando.

Fando: (Cansado) Não, Lis, não é assim, tente outra vez.

Lis: (Faz um esforço, mas não são sinceras suas palavras) Acredito em você.

Fando: (Triste) Não, não, Lis. Você está fazendo pouco caso, sabe do que estou falando.

Lis: (Desinteressada) Acredito em você.

Fando: (Violento) Não! Não e não. Não é isso.

Lis: (Com um esforço desesperado) Acredito em você, Fando.

Fando: (Mais violento) Não é assim também.

Lis: (Com sinceridade) Acredito em você.

Fando: (Comovido) Acredita em mim, Lis, verdade?

Lis: (Comovida) Sim, acredito em você.

Fando: Como fico feliz, Lis!

Lis: Acredito, porque quando você fala comigo, parece um coelho. E quando dorme comigo, deixa toda a cobertura para mim, mesmo sentindo frio.

Fando: Isso não tem importância.

Lis: Sobretudo, porque toda manhã você me lava na fonte, o que de certa forma eu não preciso fazer, eu não gosto disso.

Fando: (Após uma pausa, decidido) Lis, quero fazer muitas coisas por você.

Lis: Quantas?

Fando: (Pensa) Milhares.

Lis: Então a primeira coisa que precisa fazer é lutar pela vida.

Fando: Isso é muito difícil.

Lis: É a única coisa que pode fazer por mim.

Fando: Lutar pela vida? Você fala cada coisa! (Pausa) Parece até brincadeira. (Muito sério) Sabe o que é, Lis, é que não sei porque tenho que lutar, e se soubesse o motivo, não teria forças. E se tivesse força, não sei ela seria suficiente para vencer.

Lis: Fando, faz um esforço.

Fando: Fazer um esforço? (Pausa) Talvez isso ajude.

Lis: Nós temos que fazer um acordo.

Fando: Você acha que vai resolver alguma coisa?

Lis: Tenho quase certeza.

Fando: (Pensa) Mas, nos ajudar em que?

Lis: Não interessa, o importante é que nos ajude.

Fando: Para você, tudo é simples.

Lis: Não, para mim as coisas também são difíceis.

Fando: Mas sempre encontra uma solução para tudo.

Lis: Não, eu nunca encontro soluções. O que acontece é que sempre minto dizendo que encontrei alguma solução.

Fando: Assim não vale.

Lis: Sei que não vale, mas ninguém me pergunta nada, então tanto faz. Além do mais, é bonito.

Fando: Sim, é verdade, é bonito. Mas e se alguém perguntar alguma coisa?

Lis: Não tem problema. Ninguém pergunta nada. "Todos estão muito ocupados procurando um jeito de enganar a si mesmos." (Pausa)

Fando: Meu Deus, como é complicado.

Lis: Muito.

Fando: (Comovido) Como você é esperta, Lis!

Lis: Mas tudo isso não serve para nada, você sempre me faz sofrer.

Fando: Não, Lis, eu não faço você sofrer, pelo contrário.

Lis: Sei, você bate em mim toda vez que pode.

Fando: (Envergonhado) É verdade. Não farei mais isso, você vai ver.

Fando
Amoroso
2
Sinh' mental

Lis: Sempre me diz que não fará mais isso, e depois me maltrata. Você diz que vai me amarrar com uma corda para que eu não possa me mexer. Você me faz chorar.

Fando: *(Terno)* Sei que faço você chorar, mas não voltarei a fazer isso novamente. Quando chegarmos em Tar, vou comprar um barco e levarei você para passear sobre as águas. Você quer, Lis?

Lis: Quero, Fando.

Fando: E sentirei todas as suas dores, Lis, para provar que não vou mais fazer você sofrer. *(Pausa)* Também terei filhos com você, Lis!

Lis: *(Comovida)* Como você é bonzinho, Fando!

Fando: Quer que eu lhe conte lindas histórias, como aquela do homem que levava uma mulher aleijada para Tar num carrinho de bebê?

Lis: Primeiro me leve para passear.

Fando: Claro, Lis. *(Fando pega Lis no colo e anda pelo palco)* Olhe, Lis, que bonito, o campo, a estrada.

Lis: É mesmo, gosto disso!

Fando: Olhe as pedras.

Lis: Sim, Fando, como as pedras são bonitas!

Fando: Olhe as flores.

Lis: Não tem flores, Fando.

Fando: *(Violento)* Dá na mesma, olhe as flores.

Lis: Mas não há nenhuma flor, Fando. *(Lis fala com humildade. Fando, ao contrário, se torna mais violento e autoritário)*

Fando: *(Gritando)* Estou dizendo para você olhar as flores. Será que não entende?

Lis: Sim, Fando, perdoe-me. *(Grande pausa)* Como sofro sendo parálitica!

Fando: É bom que seja parálitica, assim sou ^{eu} em quem leva você para passear.

Lis: *(Docemente, com medo de incomodar Fando)* Que lindo está o campo, com suas flores e suas árvores.

Fando: *(Irritado)* Onde você está vendo árvores?

Lis: *(Docemente)* Todo mundo diz que o campo é cheio de árvores. *(Pausa)*

Fando: Você é muito pesada. *(Deixa Lis cair no chão).*

Lis: *(Gritando de dor. Imediatamente volta a falar com doçura, com medo de irritar Fando)* Ai, Fando! Você me machuca dessa maneira!

Fando: *(Com dureza)* Você vive reclamando, reclamando.

Lis: *(Quase chorando)* Não vou mais reclamar. Muito obrigada, Fando. *(Pausa)* Gostaria que você me levasse para passear pelo campo, no meio das flores.

Fando: *(Fando, irritado, pega Lis por uma perna e arrasta-a pelo palco)* Quer ver mais? Hein? Já viu o bastante?

Lis: *(Lis chora baixinho, para que Fando não perceba)* Sim...sim...Obrigada...Fando.

Fando: Onde você quer que eu te leve? Até o carrinho?

Lis: Quero, se não for muito incômodo.

Fando: *(Fando arrasta Lis por uma das mãos e a deixa ao lado do carrinho. Desgostoso)* Tenho que fazer tudo para você e ainda você fica chorando.

Lis: Me perdoe, Fando. *(Soluços)*

Fando: Um belo dia eu te abandonarei e irei para bem longe de você.

Lis: *(Chorando)* Não, Fando, não me abandone. Só tenho você no mundo.

Fando: Você só me atormenta. *(Gritando)* E pare de chorar.

Lis: *(Se esforçando para não chorar)* Não estou chorando.

Fando: Pare de chorar. Se continuar chorando vou embora agora mesmo. *(Lis tenta impedi-lo, ainda chorando)* Chega de choro, por que você chora tanto? Posso ir embora e nunca mais voltar. *(Fando sai de cena enfurecido. Após alguns instantes, volta devagar, temeroso)* Lis, me desculpe. *(Humilde, abraça e beija Lis. Em seguida a coloca sentada. Ela não demonstra nenhuma reação).* Não voltarei a maltratar você.

Lis: Como você é bondoso, Fando!

Fando: Lis, você vai ver que a partir de agora vou ser um oceano de bondade.

Lis: Que ótimo, Fando.

Fando: Fale o que deseje.

Lis: Gostaria de ir para Tar.

Fando: Agora mesmo, vamos andando. *(Fando coloca Lis no carrinho com carinho)* Já faz muito tempo que tentamos chegar em Tar e nunca conseguimos.

Lis: Vamos tentar outra vez.

Fando: Muito bem, como você quiser. *(Fando empurra o carrinho lentamente. Lis olha para o fundo. Fando acaricia seu rosto. Pausa)* Perdoa-me pelo que aconteceu. Não queria fazer você sofrer.

Lis: Eu sei, Fando

Fando: Confie em mim. Nunca mais me comportarei desse jeito.

Lis: Confio em você. Sempre foi bom comigo. Lembro-me que, quando eu estava no hospital, você me enviava longas cartas para que eu achasse que recebia longas cartas.

Fando: *(Lisonjeiro)* Isso não tem importância.

Lis: Também me lembro que, muitas vezes, quando você não tinha nada a dizer, enfiava um monte de papel higiênico no meio da carta para que o envelope ficasse volumoso.

Fando: Isso não foi nada Lis..

Lis: Como eu ficava feliz!

Fando: Está vendo como você precisa confiar em mim?

Lis: Claro, Fando, confio em você.

Fando: Sempre farei aquilo que você mais gosta.

Lis: Então vamos correr para chegar logo em Tar.

Fando: *(Triste)* Acho que nunca chegaremos. *(Empurrando o carrinho)*

Lis: Eu sei, mas precisamos tentar.. *(O carrinho empurrado por Fando sai de cena)*

(Black-Out)

transcrição

Segundo Ato

(Anoitecer. Fando entra em cena empurrando o carrinho com Lis dentro. Lentamente, com muito cuidado, tira Lis do carrinho e coloca-a no chão. Uma grossa corrente de ferro prende um dos pés de Lis no carrinho, uma corrente comprida.)

Fando: (Docemente) Estou muito cansado, Lis. Vou parar um pouco. (Lis olha distraída) Estou falando que estou cansado e vou sentar um pouco. (Lis olha sem expressividade). Você quer alguma coisa? Diga? (Lis não responde) Fale alguma coisa, Lis, não fique calada. O que está acontecendo? Está brava comigo porque, depois de andar o dia inteiro, estamos no mesmo lugar? (Lis não ouve) Lis, fale alguma coisa, me conteste. (Suplicando) Quer alguma coisa, Lis, fale comigo. (Fando segue em tom suplicante, lastimando) Quer que mude você de posição? Está incomodada? (Lis não responde, faz pouco caso de Fando) Já sei, quer que eu mude você de posição. (Com cuidado, Fando muda Lis de posição) Assim está melhor. (Fando pega o rosto de Lis com carinho e olha para ela com entusiasmo) Lis, como você é encantadora! (Fando beija Lis. Ela permanece imóvel) Fale alguma coisa, Lis. Está chateada? Quer que eu toque tambor para você? (Fando olha para Lis esperando alguma resposta, depois fica contente) Agora entendi, você quer que eu toque tambor para você. (Contente, Fando vai até o carrinho e pega o tambor) O que você quer que eu toque? (Lis permanece calada) Que tal a canção da ^{pluma} que você tanto gosta? (Silêncio) Vamos lá! (Ameaça começar a tocar, mas interrompe o gesto) Sinto muito não saber mais nenhuma canção. (Pausa. Fando começa a tocar o tambor de forma desajeitada e canta desafinado) "A pena estava na cama (a pluma estava no leito) / A cama estava na pena (e o leito estava sobre a pluma)." (Ao terminar, se dirige a Lis) Gostou, Lis? (Lis não diz nada. Triste, Fando recoloca o tambor no carrinho. De repente, pega novamente o tambor e volta a tocar. Lis não demonstra nenhuma reação. Fando volta a abandonar o tambor) Fale comigo, Lis. Diga alguma coisa. Como você quer que sigamos nosso caminho se não fala comigo? Parece que estou sozinho. Fala comigo, Lis. Diga qualquer coisa, qualquer besteira, mas fale alguma coisa. Quando quer você sabe falar, Lis, não esqueça de mim. (Pausa) Eu levarei você para Tar. (Pausa) Quando você fica assim, calada, eu não sei o que acontece com você. Não sei se está com fome, com vontade de mijar ou se deseja flores. Posso me enganar as vezes, sei que você não me deve nada, mas isso não é motivo para não falar comigo. (Pausa) Sei que você quer ir para Tar, coloco você no carrinho e sigo em frente. Pouco importa as dificuldades, quero fazer somente as coisas que você mais gosta. (Silêncio) Por favor, Lis, fale comigo. (Lis olha sem expressão. Entram em cena três homens: Mitaro, Namur e Toso. Namur segura um enorme guarda-chuva preto que protege os três. Os três formam um único bloco. Param longe de Lis e Fando e começam a observar o local dando

Atitudes, Contradições, Hábitos, dependentes, determinador, medeiros, curiosa,

pouca atenção ao casal. Depois de olharem tudo com minúcia – principalmente da parte de Mitaro e Namur, que chegam até mesmo cheirar o chão – voltam a se reunir debaixo do guarda-chuva).

Toso: Acho que podemos dormir aqui.

Mitaro: Mas antes nós devemos saber de onde vem o vento. (Molha o dedo com saliva e levanta a mão).

Namur: Isso não tem importância. O que interessa é saber para onde ele vai.

Toso: Vamos dormir embaixo do guarda-chuva e deixar o vento em paz.

Mitaro: (Ofendido) Você sempre está tranquilo.

Namur: (Para Mitaro) Se nós o escutássemos, já estaríamos todos mortos.

Mitaro: (Para Namur) Mortos ou coisa pior. Isso graças a sua maldita mania de não tomar precauções.

Toso: (Teimoso) Acho que o importante é dormir.

Mitaro: O importante é saber de onde vem o vento.

Namur: (Corrigindo) Não, o importante é saber para onde o vento vai.

Mitaro: Insisto em dizer que o importante é saber de onde vem o vento.

Namur: Tudo bem, você é quem sabe, não quero ser intransigente como o Toso.

Mitaro: (Muito satisfeito) Então nós três achamos que o mais importante é saber de onde vem o vento.

Namur: (Conciliador) Isso, saber de onde vem o vento. (Depois de uma pequena pausa, fala baixinho) Para saber para onde ele vai...

Toso: (Interrompendo) Para mim vocês podem dizer o que quiserem. O importante é dormirmos o quanto antes.

Mitaro: (Aborrecido) Claro, não existe nada mais simples. Vamos dormir. E depois o que vamos fazer?

Namur: Isso mesmo, e depois?

Toso: Depois...qualquer coisa!

Mitaro: Qualquer coisa! É assim que acontecem as tragédias, por imprudência, porque não tomamos as devidas precauções.

Namur: Isso mesmo. Além disso, quanto tempo levaríamos para tomar precauções? Minutos. Que riscos poderíamos evitar com isso? Milhares.

Mitaro: É isso aí.

Toso: Eu fico muito cansado tomando precauções.

Mitaro: O senhor fica cansado.

Toso: Além disso, é muito difícil.

Mitaro: Vai dizer que não pode fazer o mínimo de esforço?

Toso: Não é um pequeno esforço, é um esforço enorme.

Mitaro: O senhor vai ficar com hérnia.

Namur: Talvez ele tenha razão. O esforço de prevenir é grande e complicado. E tomar as precauções necessárias torna-se praticamente impossível.

Mitaro: Tudo bem, é um grande esforço, mas instantâneo, um esforço que dura pouco tempo.

Namur: Dura pouco tempo? Isso depende de como você vê as coisas.

Mitaro: Não me venha com suas histórias de novo. Me lembro bem, o que outro dia você me disse, que dois fenômenos simultâneos para um observador terrestre não é o mesmo para um observador intergaláctico. A partir disso você disse que a simultaneidade é relativa e, portanto, o tempo também era algo relativo. Aí eu falei que não acreditava nessas bobagens lunáticas.

Namur: O que estou dizendo é que o esforço dura pouco tempo.

Mitaro: *(Irritado, sem saber o que dizer, fica em silêncio. Depois volta a falar)* Acho que chegamos ao ponto central da questão, que era saber de onde vem o vento.

Namur: É exatamente isso. Estávamos tentando saber de onde vem o vento. *(Com voz baixa)*...Para saber para onde ele vai.

Mitaro: Estávamos era tomando precauções para dormir tranquilamente. Aí Toso disse que o importante era dormir.

Toso: Mas...

Namur: *(Interrompendo, indignado)* Toso, você precisa reconhecer que nos impediu de dormir com suas esquisitices. Além da falta de solidariedade com nosso ponto de vista. *(Toso não diz nada)*

Mitaro: Em nenhum momento você parou para estudar nosso ponto de vista. Ao contrário, nem levou em conta nossas palavras, agindo de maneira leviana.

Toso: Mas eu apenas disse que o importante era dormir o mais rápido possível embaixo do guarda-chuva.

Namur: *(Indignado)* Que audácia! Ainda se atreve reconhecer de maneira cínica, sem nos pedir desculpas. No seu lugar eu morreria de vergonha. Não vê que ainda estamos discutindo por sua culpa.

Mitaro: Isso mesmo, por culpa sua.

Namur: Eu renunciei a minha primeira posição de que o importante era saber para onde vai o vento para que um acordo fosse feito o mais rápido possível. Isso para que fôssemos dormir logo. É óbvio que o importante era saber para onde vai o vento.

Mitaro: *(Sorridente e incisivo)* Sem querer contrariar, quero deixar bem claro que o mais importante é saber de onde vem o vento.

Namur: *(Procurando sorrir para dissimular a irritação)* Devo dizer que todo mundo está de acordo que o mais importante é saber para onde vai o vento. *(Fando, que acompanhava a conversa, se dirige aos três).*

Fando: *(Envergonhado)* Desculpe, com licença. De onde eu estava, *(Mostra o local onde estava)* a discussão de vocês era tão bonita. Vocês falam muito bem. Posso participar da discussão também? *(Os homens olham para ele chateados)* Gostaria de conversar com vocês. *(Pausa)* Ela não quer falar comigo e eu gostaria de contar um monte de coisas. Eu sou sozinho. *(Os três homens, aborrecidos, deitam no chão para dormir debaixo do guarda-chuva)* Eu sei fazer muitas coisas. Posso ajuda-los se falarem comigo. *(Pausa. Continua envergonhado)* Também sei tocar tambor. *(Ri timidamente)* Não muito bem. Sei

músicas bonitas, como a canção da pena. Vocês vão ver como é linda. *(Fando vai apanhar o tambor. Os homens dormem sob o guarda-chuva, um deles ronca)* Vou tocar e cantar, com a condição que falem comigo. *(Se dirige para perto deles)* Estão me ouvindo? *(Fando constata que estão dormindo. Volta triste para Lis)* Não me deram a menor bola. Eles não querem me ouvir, Lis. Tenho muitas coisas a dizer, além de cantar a canção da pena. *(Silêncio. Lis continua sem olhar para Fando. Ele se dirige a ela com doçura)* Lis, você é melhor que eles. Você sabe dizer coisas lindas. Fale comigo. *(Lis permanece em silêncio. Pausa maior)* Quer que eu faça um show para deixar você feliz? Posso fazer acrobacias. Quer? *(Lis continua calada. Fando começa a fazer uma série de movimentos, uma mistura de ballet, clown, bufão e gestos bêbados. No final, fica sobre um só pé, coloca os cotovelos nos joelhos opostos, realiza movimentos complicados gritando de alegria)* Olhe como é difícil, Lis, olhe como é difícil fazer isso. *(Lis continua calada. Abatido, Fando abandona o show e vai até ela com tristeza. Silêncio. Fala quase chorando)* Fale comigo, Lis, por favor!

(Black-Out)

Terceiro Ato

(Namur, Mitaro e Toso falam com Fando. Poucos metros deles, Lis está no carrinho)

Namur: Há muito tempo resolvemos fazer essa viagem.

Fando: Ouvi dizer que é impossível chegar.

Namur: Não é que seja impossível. O que acontece é que até hoje ninguém chegou e ninguém espera chegar.

Mitaro: Não é algo tão complicado, é preciso tentar.

Fando: Isso quer dizer que eu e ela nunca chegaremos?

Mitaro: Vocês estão numa situação melhor do que a nossa. Vocês tem um carrinho, podem ir mais rápido.

Fando: Sim, ando mais rápido, mas sempre volto ao mesmo lugar.

Namur: Mas isso não é o pior. Sem dúvida, o pior é que não tomamos as precauções necessárias.

Mitaro: Você tem razão, Namur, isso é o pior.

Toso: *(Chateado)* Estão falando novamente essa ladainha de precauções. Eu já disse que o importante é seguir nosso caminho.

Mitaro: Engraçado...nos acontece a mesma coisa. Nós traçamos um excelente caminho para Tar...mas voltamos sempre ao mesmo lugar.

Namur: *(Desolado)* Para ser sincero, o que nos impede de chegar em Tar é Toso, sempre com idéias absurdas. Sempre contra nós.

Mitaro: Não é que nós, Namur e eu, pensamos da mesma maneira, ou que temos as mesmas idéias, mas é que no final de tudo sempre chegamos a um acordo. Mas ele... A culpa por nós ainda não termos chegado em Tar é dele. Ontem...

Namur: *(Cortando)* Sim, com aquela história de vento e de dormir.

Mitaro: É isso mesmo.

Fando: *(Lembrando entusiasmado)* Ah, como discutiam, era tão bonito!

Namur: *(Com ironia)* É, tão bonito.

Mitaro: O senhor ouviu nossa conversa?

Fando: Sim, mas não prestei muita atenção, ouvia apenas o som das palavras. Assim: *(Cantarolando)* "patatí patatá, biriri bororó, blablabi, bliblió..."

Namur: É verdade! Devia ser lindo!

Fando: De onde eu estava, era bonito de ouvir.

Mitaro: Isso é triste. É interessante quando se ouve de longe, soa bem. Mas o que acontece?

Namur: O pior, o mais triste.

Mitaro: Não podemos evitar, ele está sempre semeando discórdia em nossa união. Sem dúvida é um porco.

Namur: Pior que um porco. *(Pensa em silêncio)*

Fando: *(Intervindo)* O que vocês acham disso? O que é pior que um porco? O que é melhor que um porco?

Namur: Vamos ver o que ele sabe sobre animais.

Fando: Não, só estou perguntando. *(Para Mitaro)* Quais são os animais piores e melhores que o porco?

Mitaro: *(Depois de uma longa pausa)* Acho que esqueci.

Namur: *(Repreendendo)* Sempre tão esquecido e tão filantrópico.

Mitaro: *(Chateado)* Você sempre procura me insultar. *(Pensa)* Para ver que não sou nenhum desmiolado, lembro-me muito bem o que ele me perguntou: quais são os animais piores e melhores que o porco.

Fando: *(Muito contente, falando com pressa)* Eu sei, os piores são: o leão, a barata, a cabra e o gato. Os melhores são: a vaca, o coelho, a ovelha, o papagaio e o canguru.

Namur: O canguru?

Fando: Claro, o canguru.

Namur: Você disse que o canguru é pior?

Fando: *(Envergonhado)* Sim, sim.

Namur: Você tem certeza?

Fando: *(Com dúvida)* Sim...

Namur: Você tem certeza?

Fando: *(Cansado)* Desse jeito você me coloca em dúvida.

Namur: *(Incisivo)* Tem certeza, certeza?

Fando: *(Chorando)* Você está sendo cruel.

Mitaro: *(Chamando a atenção de Namur)* Você fez ele chorar.

Namur: Acho que esse sujeito não tem certeza de nada.

Mitaro: Você o fez chorar como se ele fosse um homem a caminho de Tar levando uma mulher num carrinho.

Fando: *(Desculpando-se)* Chorei um pouquinho só, apenas duas gotas.

Toso: *(Com firmeza)* Acho que deveríamos discutir menos e tentar chegar em Tar.

Mitaro: *(Satisfeito e ofendido)* Você está vendo? É sempre assim. Quando estamos prontos para seguir caminho, chegando a um acordo, então ele vem e nos atira uma de suas pedras.

Namur: Ele é insuportável.

Fando: Então porque vocês viajam com ele?

Namur: A história é muito comprida para contar.

Mitaro: Levaria uma eternidade.

Toso: *(Inflexível)* Deixem de tanto papo furado e vamos para Tar.

Mitaro: *(Ralhando com Toso)* É assim que você nos ajuda? Estamos conversando com esse homem para depois seguirmos para Tar, e o que você faz? Você nos incomoda, você nos aborrece dia e noite.

Namur: Como você é destrutivo e anti-social!

Mitaro: *(Para Fando)* Você está vendo? Não é lamentável? O que acha?

Fando: É verdade.

Mitaro: Você que é feliz com ela.

Fando: Está certo, ela não me incomoda em nada. Ela é encantadora.

Mitaro: Você tem sorte!

Fando: Venham vê-la. *(Mitaro e Namur seguem Fando até Lis, que se encontra dentro do carrinho. Embora esteja com os olhos abertos, ela parece ausente, não realiza nenhum gesto. Fando está entusiasmado)* Olhem para ela! *(Fando movimentava a cabeça de Lis em várias direções)* Vejam como é linda!

Mitaro: Sim, ela é bonita.

Fando: Agachem para ver desse ângulo, em perspectiva. *(Mitaro e Namur, agachados, olham Lis. Fando segue colocando-a em diferentes posições)* Venham aqui, vejam como é bonito. *(Os homens cercam o carrinho, bem próximos de Lis)* Olhem que pernas lindas e como o pano combina com suavidade! Sintam, toquem. *(Mitaro e Namur tocam)*.

Mitaro: É verdade! O tecido é suave.

Fando: *(Satisfeito)* Olhem que coxas, brancas e macias. *(Fando levanta a roupa para que eles vejam suas coxas)*.

Mitaro: É verdade, brancas e macias.

Fando: *(Arruma a roupa com cuidado, cobrindo as pernas)* O que mais gosto é de abraça-la. Seu rosto é bem doce, e é um prazer acaricia-la. Experimentem.

Mitaro: Agora?

Fando: Claro. Toquem assim. *(Fando acaricia Lis com as duas mãos)* Venham, experimentem, vejam como é bom. *(Mitaro acaricia Lis com uma*

mão) Não, com as duas mãos. (Mitaro, com respeito, acaricia Lis) O que você achou?

Mitaro: (Entusiasmado) É muito bom.

Fando: Tente você também (Indicando Namur, que a acaricia). Dê um beijo nela, assim. (Fando beija Lis na boca) Vamos, vejam como é bom! (Namur e Mitaro beijam Lis na boca, com respeito. Lis continua inexpressiva) Gostaram?

Namur e Mitaro: Sim, muito.

Fando: (Satisfeito) Ela é minha noiva.

Mitaro: Para sempre?

Fando: Claro, para sempre.

Mitaro: E vocês não se deixam jamais?

Toso: (Interrompendo) Posso saber quando vamos seguir para Tar?

Mitaro: (Depois de uma pausa) Você percebe como ele é?

Fando: Sim.

Namur: Nunca deixa terminar nada.

Toso: Só estou dizendo que precisamos seguir para Tar, o quanto antes.

Mitaro: (Indulgente) Desculpe todas essas falhas. Ele é assim, nasceu assim. Nada pode ser feito.

Namur: Não adianta ensinar, é inútil. Quando vamos fazer alguma coisa ele aparece e atrapalha tudo com suas complicações. Não nos deixa entrar num acordo.

Fando: Acho que ele tem razão quando diz que devem seguir para Tar.

Namur: Razão, aquilo que chamamos razão, ele sempre tem um pouco.

Mitaro: É preciso reconhecer que ele não fala besteiras.

Namur: Isso é verdade, olhando com atenção, às vezes ele tem algum vislumbre de razão, não muita, naturalmente.

Mitaro: Talvez esse seja o maior inconveniente para nós. Sempre encontramos algum fundamento de razão no que ele diz, mesmo quando é algo muito distante.

Namur: Muito longe.

Mitaro: Sim, muito, muito distante. Mas sempre encontramos algum fundamento. Por isso, quando normalmente achamos suas idéias absurdas e dissonantes, sempre discutimos sobre elas. Nos esforçamos em avaliar os pontos bons e maus de suas palavras.

Toso: Eu acho que devemos seguir para Tar, agora.

Namur: (Muito satisfeito) Está vendo?

Mitaro: (Também satisfeito) Entendeu?

Fando: Sim, entendi.

Mitaro: Seria mais fácil se ele fechasse a boca.

Fando: Um dia eu tentei ficar calado...e não pensem vocês que é um mar de rosas.

Namur: Ah! Que sujeito interessante, fez tantas coisas na vida.

Mitaro: E o que aconteceu quando você tentou?

Fando: *(Envergonhado)* Foi divertido.

Mitaro: Conte para nós. Ah! Que interessante.

Namur: Como foi? O que fez?

Fando: Certo dia eu acordei de manhã e disse para mim mesmo: "Hoje ficarei o dia todo calado"

Namur: *(Tentando entender, repete em voz alta)* Ele acordou de manhã e disse: "Hoje ficarei o dia todo calado"

Fando: *(Continuando)* Então...

Namur: *(Interrompendo novamente)* Há algo que não entendi muito bem. Se você ficou com a boca fechada o dia inteiro, como falou que ia ficar calado o dia todo?

Mitaro: Não seja burro, ele falou mentalmente.

Namur: Ah! Isso muda tudo!

Mitaro: Continue, continue, isso é muito interessante.

Fando: Decidido a não falar nada, comecei a pensar no que podia fazer para compensar o silêncio. Então comecei a andar de um lado para outro.

Namur: Devia se sentir muito feliz.

Fando: No começo sim. Eu andava e andava. Depois a coisa ficou terrível.
(Fando se cala)

Namur: *(Muito interessado)* O que aconteceu?

Mitaro: Conte, conte.

Fando: Não posso contar, é muito íntimo.

Namur: E vai deixar a gente assim, com água na boca?

Fando: É melhor não ir até o fim...A história acaba mal.

Namur: Termina muito mal?

Fando: *(Quase chorando)* Sim, muito mal.

Namur: Que pena!

Mitaro: É verdade, que pena!

Toso: A melhor coisa que temos a fazer é ir para Tar.

Mitaro: Estão vendo? Para que insistir?

Fando: É verdade.

Mitaro: É isso o que mais me agrada em você. O senhor nos compreende. Geralmente ninguém nos compreende. Outro dia encontramos um sujeito que também estava indo para Tar, ele se empenhava em dar razão a Toso todo o tempo.

Fando: Logo no começo percebi que eram vocês que tinham razão, não ele. Foi quando começaram a discutir sobre o vento, se me recordo direito.

Mitaro: Como o senhor percebeu tão rápido?

Fando: Isso para mim é fácil. Eu disse a mim mesmo...

Namur: *(Interrompendo)* Mentalmente?

Mitaro: Mas claro!

Namur: Esse sujeito é incrível, ele fala mentalmente.

Fando: Então eu disse a mim mesmo: o primeiro que disser a palavra “onde” tem razão. Como vocês foram os primeiros a dizerem, deduzi que ele não tinha razão.

Namur: *(Entusiasmado)* É um ótimo método para saber quem tem razão.

Fando: Sim, é ótimo.

Namur: E o senhor sempre usa esse método?

Fando: Quase sempre.

Mitaro: Sendo assim, o senhor deve ter muita experiência.

Fando: É, não me falta. Embora às vezes utilize outros métodos.

Namur: *(Com assombro)* Outros métodos?

Fando: *(Convencido)* Claro!

Namur: Que homem fértil em invenções!

Mitaro: Que dedicação em saber onde se encontra a razão!

Fando: Desde garoto utilizo métodos infalíveis para saber onde está a razão.

Namur: Isso é o que nós deveríamos fazer, e não perder tempo da maneira que estamos perdendo.

Mitaro: Não é hora de lamentar-se.

Namur: *(Aborrecido)* Sim, claro. *(Pausa)* E quais os outros métodos que o senhor tem para saber quem tem razão?

Fando: Um deles envolve os dias da semana, mas é muito complicado.

Mitaro: *(Interessado)* Como é?

Fando: É assim, nos dias múltiplos de três têm razão os senhores de óculos, nos dias pares têm razão as mães, e nos dias que terminam em zero, ninguém tem razão.

Mitaro: *(Entusiasmado)* Isso é muito bom!

Fando: Mas é muito complicado. É necessário estar sempre atento ao dia para ter o cuidado de não confundir. Foi assim que em algumas situações dei razão a quem não tinha razão.

Mitaro: *(Alarmado)* Isso é muito sério!

Fando: Seríssimo! ~~Muitas vezes isso impedia que minhas unhas crescessem.~~

Mitaro: Entendo porque o senhor utilize o método de agora.

Fando: Se olhar com atenção é mais simples.

Namur: Mais simples?

Fando: Está tudo previsto. Se em cinco minutos ninguém disser a palavra “onde”, dou razão ao primeiro que disser a palavra “mosca”.

Mitaro: *(Assombrado)* Perfeito!

Fando: *(Satisfeito)* Sim, sem dúvida trata-se de um método completo.

Namur: E se ninguém disser a palavra “mosca”?

Fando: Então eu a substituo pela palavra “árvore”.

Mitaro: *(Assombrado)* Está tudo previsto!

Fando: *(Satisfeito)* Sim, não posso me queixar.

Namur: E se ninguém disser a palavra “árvore”?

Fando: Então dou razão ao primeiro que diga a palavra “água”.

Mitaro: *(Muito assombrado)* Meu Deus! Quantas previsões!

Fando: *(Muito satisfeito)* Sempre prefiro fazer as coisas direito, completas. Assim é melhor, apesar de se difícil no começo.

Namur: *(Com ódio)* E se ninguém disser a palavra “água”? *(Fando e Mitaro olham para Namur com rancor. Silêncio. Namur fica envergonhado)* Eu só perguntei o que pode acontecer se ninguém disser a palavra “água”. Não quero ofender ninguém.

Mitaro: *(Aborrecido)* Você não só está ofendendo como parece que tem alguma coisa contra ele.

Namur: *(Perturbado)* Está bem, tudo bem, eu não perguntei nada.

Mitaro: Assim é melhor.

Namur: *(Em voz baixa)* Ainda que se ninguém disser a palavra “água” todo o sistema vai por água abaixo.

Mitaro: *(Muito ofendido)* Você é teimoso igual Toso.

Fando: Não tem importância, porque tenho tudo previsto. Se ninguém disse a palavra “água”, dou razão ao primeiro que disser... *(Dúvida)*...que disser...a palavra...a palavra... “palavra”!

Namur: Assim não vale, o senhor acabou de inventar essa saída agora.

Mitaro: Você me envergonha, Namur, com suas indelicadezas.

Fando: Isso não é verdade, eu não acabei de inventar.

Namur: Então, fale quando o senhor colocou em prática tudo isso?

Fando: *(Envergonhado)* Na verdade ainda não fiz nenhuma experiência prática.

Namur: *(Para Mitaro)* Está vendo? Está vendo?

Toso: *(Interrompendo)* Quando vamos começar a caminhar em direção de Tar? *(Silêncio. Os três homens se olham impressionados com a pergunta)*

Mitaro: Ele tem razão, precisamos seguir para Tar.

Fando: Posso ir com os cavalheiros?

Namur: Com a gente?

Fando: Sim, com vocês.

Namur: Eu não sei não. É preciso que nós três concordemos. *(Para Mitaro)* O que você acha?

Mitaro: *(Depreciativo)* Tudo bem, pode vir.

Namur: *(Falando no ouvido de Mitaro)* O problema é que ele leva uma mulher num carrinho. Não podemos permitir tal companhia, é muita responsabilidade.

Mitaro: O que pode acontecer?

Namur: *(Quase tendo um ataque)* Fale baixo, ele pode ouvir. *(Fando começa assobiar, tentando disfarçar)* Você pensou bem no que pode acontecer? Pense bem. Nada mais nada menos que uma mulher num carrinho? Não se dá conta da responsabilidade que cairá sobre nós? Não vê a quantidade de precauções que teremos que tomar?

Mitaro: Claro, mas dá no mesmo, tanto faz.

Namur: *(Continua falando no ouvido de Mitaro)* Tanto faz! Tanto faz! Não se dá conta do que diz! Depois não vem dizer que eu não avisei. *(Em voz alta, de*

mau humor, para Fando ouvir) Está bem, então você, Mitaro, concorda que ele venha conosco?

Mitaro: Quantas vezes vou ter que repetir?

Namur: Tudo bem. (Para Toso) E você, Toso?

Toso: O que eu realmente quero é que sigamos para Tar o quanto antes. Tanto faz se esse homem vai junto ou não.

Namur: (Contrariado, mas sorrindo) Dessa forma estamos todos de acordo. O senhor pode vir com a gente.

Fando: Para onde?

Namur: Ainda pergunta para onde? Para Tar, é claro. Para onde o senhor queria ir?

Fando: Mas para que ir para Tar?

Namur: Que pergunta idiota!

Fando: É muito importante?

Namur: Acho que esse homem tem um parafuso a menos.

Fando: (Desculpando-se) Eu não sabia...

Namur: O senhor seria capaz de desistir do desejo de ir para Tar?

Fando: (Envergonhado) Não.

Namur: Está vendo? O senhor sempre tentará chegar em Tar. Isso demonstra que trata-se de algo importante.

Fando: Isso é bom.

Mitaro: Então vamos andando. (Os três homens se colocam embaixo do guarda-chuva, unidos. Fando coloca Lis no carrinho)

Fando: Quando chegaremos?

Namur: Isso ninguém sabe.

Fando: Ouvei dizer que ninguém conseguiu chegar, apesar de todas as tentativas.

Namur: Boatos!

Mitaro: Claro, boatos e mais boatos... Porém verdadeiros.

Namur: A verdade é que ninguém conseguiu chegar em Tar. (Os três homens começam a andar pelo palco. Fando os segue empurrando o carrinho com Lis)

Fando: Eu também ouvi que é impossível chegar lá.

Mitaro: É, mas sempre nos resta a esperança. (Todos saem de cena, lentamente)

(Black-Out)

Quarto Ato

(Fando entra em cena empurrando o carrinho com Lis dentro)

Fando: O que você tem?

Lis: Estou doente.

Fando: Quer alguma coisa, Lis? Quer que eu faça alguma coisa?

Lis: Me tira do carrinho. (*Fando pega Lis com todo cuidado e a coloca no chão. Lis tem uma longa corrente de ferro amarrada no calcanhar e no carrinho*)

Fando: Onde dói?

Lis: Não sei.

Fando: Que doença você tem?

Lis: Não sei.

Fando: Isso é muito mau, se eu soubesse o tipo de doença tudo seria diferente.

Lis: Estou muito mal.

Fando: (*Com muita tristeza*) Você não vai morrer!

Lis: Não sei não.

Fando: (*Carinhoso*) Não morre não!

Lis: Tenho um enorme mal-estar. Me sinto muito mal, Fando.

Fando: Infelizmente os homens do guarda-chuva não estão aqui. Eles sabem muitas coisas, com certeza saberiam curar você.

Lis: Eles estão muito longe, você andou depressa.

Fando: É, estamos muito na frente. (*Contente*) Nós saímos juntos, mas levei vantagem com o carrinho.

Lis: Mas novamente estamos no mesmo lugar de sempre. Não avançamos nada.

Fando: Como você é pessimista! O importante é que estamos na frente.

Lis: Você andou muito depressa. Essa velocidade toda não me fez bem. Eu disse para você ir devagar.

Fando: (*Envergonhado*) É verdade, Lis, me perdoe.

Lis: Você sempre me pede perdão, mas nunca me ouve.

Fando: É verdade, sou mau com você... (*Pausa*)

Lis: Além disso, sempre diz que vai colocar algemas em mim, como se não bastasse a corrente.

Fando: Não vou colocar as algemas, Lis. (*Pausa*)

Lis: Você nunca me respeita. Me lembro quando eu não estava parálitica, você me amarrava na cama e me batia com a correia de couro.

Fando: Não imaginava que você não gostava.

Lis: Eu dizia isso a você. Quantas vezes disse que não suportava o sofrimento que me aplicava!

Fando: Me perdoe, Lis. Nunca mais vou amarrar você na cama e bater com a correia. Prometo!

Lis: Mas se empenhou em me amarrar com essa corrente para que eu não possa ir longe do carrinho. Fico me arrastando pelo chão.

Fando: É verdade, Lis, devia ter me falado.

Lis: Eu falo, mas você nunca ouve.

Fando: Não brigue comigo, Lis, me abrace.

Lis: (*Com resignação*) Você acha que tudo se resolve assim?

Fando: Você me atormenta, Lis. (*Abatido. Silêncio. Segue contente*) Adivinha em quem eu vou dar um beijinho?

Lis: Não brinque, Fando.

Fando: Lis, não brigue comigo, sei muito bem que sou culpado. Mas se brigar comigo vou ficar triste.

Lis: Não pense que as coisas se resolvem dessa maneira.

Fando: Me beija, Lis. (*Lis, inexpressiva, permite que Fando lhe beije apaixonadamente*) Esqueça todas essas coisas e não me faça pensar mais nisso.

(*Silêncio*)

Lis: Ontem você me deixou nua na estrada durante toda a noite, por isso estou doente.

Fando: Fiz isso para que os homens que passassem admirassem...para que todo mundo visse como você é bonita.

Lis: Mas fazia muito frio, eu estava tremendo.

Fando: Pobre Lis!... Mas os homens que olhavam para você ficavam felizes e seguiam com mais alegria.

Lis: Eu me sentia sozinha e com frio.

Fando: Eu estava do seu lado, não me viu? Além do que, muitos homens acariciavam você quando eu pedia. (*Pausa, recordando*) Você estava linda toda nua. Era um espetáculo maravilhoso.

Lis: Sou eu quem sempre sofre.

Fando: Não, Lis. É uma pena que você não possa ver a si mesma com os meus olhos!

Lis: Fando, estou doente. Me sinto muito mal.

Fando: Quer que eu faça alguma coisa, peça Lis?

Lis: Agora não há mais remédio. (*Pausa*) Quero que você me trate bem.

Fando: Claro, Lis, vou tratar você com o maior carinho.

Lis: (*Pausa. Lis repara alguma coisa no bolso de Fando*) O que tem no seu bolso?

Fando: (*Como uma criança surpreendida no meio de uma travessura*) Uma coisinha à toa.

Lis: Diga o que é?

Fando: Não vou dizer.

Lis: (*Autoritária*) Mostre o que está escondendo.

Fando: Não é nada de mais.

Lis: Mostre já. (*Fando, envergonhado, tira do bolso as algemas*). Está vendo, são as algemas.

Fando: Não vou fazer nada com elas, apenas brincar.

Lis: Você só está esperando um descuido da minha parte para coloca-las em minhas mãos.

Fando: Não, Lis, está enganada, na colocarei em você.

Lis: Então, jogue-as fora.

Fando: (*Agressivo*) Não. (*Guarda as algemas no bolso*)

Lis: (*Quase chorando*) Está vendo como você me trata?

Fando: *(Comovido)* Não chore, Lis, eu gosto muito de você. Não chore, Lis. *(Abraça Lis apaixonadamente)*

Lis: Não me abandone, Fando. Só tenho você. Não me trate tão mal.

Fando: *(Comovido)* Como sou mau com você! A partir de agora serei um novo homem!

Lis: Me abrace, Fando, me abrace. *(Se abraçam)* Estou me sentindo muito mal.

Fando: Logo você ficará boa e iremos para Tar. Seremos felizes e lhe darei de presente vários animais para brincar: baratas, escaravelhos, mariposas, formigas, sapos e muito mais. Cantaremos juntos ao som do tambor, todos os dias.

Lis: Seremos felizes Fando.

Fando: E seguiremos para Tar.

Lis: Isso mesmo, e iremos para Tar.

Fando: Nós dois, juntos.

Lis: Sim, juntos. *(Se olham)*

Fando: E quando chegarmos em Tar, seremos felizes.

Lis: Como você é um bom homem, Fando! Me trata tão bem!

Fando: Claro, Lis, farei qualquer coisa por você. Gosto de você. *(Fando vai até o carrinho e apanha o tambor. Depois volta para Lis com respeito)* Olhe o tambor, Lis.

Lis: Ele é bonito.

Fando: Olhe como é redondo.

Lis: É verdade, é redondo.

Fando: Tenho ele apenas para cantar para você.

Lis: Você é tão bonzinho!

Fando: Quando chegarmos em Tar, criarei novas canções para você, seremos felizes.

Lis: A canção da pena é muito bonita.

Fando: *(Vaidoso)* Isso não é nada, vou compor canções melhores. Canções que não falem só de penas, mas também... *(Pensando)* ...de penas de passarinhos e também penas de águias e também... *(Pensa, mas não lhe ocorre nada)* ...e também...

Lis: E também um mundo de penas.

Fando: *(Contente)* Claro, um mundo de penas e também de... de... de... Ah! Também de penas.

Lis: Serão lindas canções! Como você é bom, Fando! *(Pausa. Fando tira as algemas do bolso e olha para elas. Lis fica nervosa)* Não me faça sofrer.

Fando: *(Duramente)* Porque pensa que vou fazer você sofrer?

Lis: *(Suave)* Não fale nesse tom comigo, Fando.

Fando: *(Muito aborrecido, levantando-se)* Sempre falo com você no mesmo tom.

Lis: O que vai fazer?

Fando: *(Violento)* Nada.

Lis: Você está pensando em fazer algo de mau, estou vendo.

Fando: *(Violento)* Você e suas histórias.

Lis: *(Humildemente)* Vejo que quer colocar as algemas em mim. Não faça isso, Fando. *(Soluça)*

Fando: *(Mau humorado)* Não chore.

Lis: *(Se esforçando para não chorar)* Não chorarei mais, mas não me coloque as algemas.

Fando: *(Irritado)* Você sempre desconfia de mim.

Lis: *(Com doçura)* Não, não desconfio de você. *(Com sinceridade)* Eu confio em você! *(Fando dá alguns passos e fica entre Lis e o carrinho. Ela chora)*

Fando: *(Autoritário)* Me dê as mãos.

Lis: Não faça isso, Fando, não coloque as algemas. *(Lis estende as mãos. Fando coloca as algemas nervosamente)*

Fando: Assim é melhor.

Lis: Fando! *(Muito triste)* Fando!...

Fando: Coloquei as algemas para ver se você consegue arrastar-se com elas. Vamos, tente se arrastar!

Lis: Não posso, Fando.

Fando: Tente!

Lis: Não me faça sofrer.

Fando: *(Fora de si)* Estou dizendo para tentar! Se arraste! *(Lis tenta arrastar-se mas não consegue, suas mãos estão unidas pelas algemas)*

Lis: Não consigo, Fando.

Fando: Tente, ou será pior para você. *(m)*

Lis: *(Docemente)* Não me bata, Fando, não me bata.

Fando: Estou dizendo para tentar. *(Lis faz um esforço, mas não consegue)*

Lis: Não posso, Fando.

Fando: Tente outra vez.

Lis: Não consigo, Fando, deixe-me em paz. Não me faça sofrer. *(Lis)*

Fando: Tente, ou será pior para você.

Lis: Não me bata. Não me bata com a correia.

Fando: Tente!

Lis: Não consigo. *(Fando vai até o carrinho e pega uma correia de couro)*

Fando: Tente ou vai apanhar.

Lis: Não me bata, estou doente. *(Fando chicoteia Lis com violência)*

Fando: Arrasta-se. *(Lis faz um enorme esforço para se arrastar. Fando assiste vibrando de emoção)*

Lis: Não consigo mais.

Fando: Mais, vamos, mais!

Lis: Não me bata de novo.

Fando: Se arraste! *(Fando volta a chicotear. Lis se arrasta cegamente. Em seus movimentos desesperados, acaba rasgando o tambor. Fando fica colérico)* Você rasgou o tambor! Você rasgou o meu tambor! *(Fando chicoteia Lis. Ela*

(m) música aguda - daninha

cai desfalecida, com sangue saindo pela boca. Irritado, Fando pega o tambor e se afasta de Lis, tentando consertá-lo. Lis, morta, com as mãos amarradas, se encontra no meio do palco. Longo silêncio. Fando tenta consertar o tambor. Entram em cena Mitaro, Namur e Toso. Cercam o corpo de Lis. Olham com muita atenção, dando voltas. Fando, absorto em seu trabalho, não percebe os três. Eles também não percebem Fando)

Mitaro: Olhem, o que ela tem nas mãos?

Namur: (Levantando as mãos de Lis para ver melhor) São algemas.

Mitaro: Que imagem bonita!

Namur: Não exagere.

Mitaro: Por que você gosta de me contrariar?

Toso: (Interrompendo, num tom neutro) Ela tem sangue na boca (Mitaro e Namur olham para a boca de Lis)

Mitaro: É verdade.

Namur: Isso é raro. (Namur toca os lábios de Lis com os dedos. Como uma pinça, abre sua boca. Mitaro enfia o dedo na boca de Lis e cheira).

Mitaro: É sangue mesmo.

Namur: Que estranho tudo isso!

Mitaro: (Toca com os dedos os dentes de Lis) Olha os dentinhos dela. São duros!

Namur: Todos os dentes são duros, seu tonto.

Mitaro: (Puxa a língua de Lis para fora) Olhem que língua bonita! É macia!

Namur: Todas as línguas são assim.

Mitaro: Você sempre tem algo a dizer, (Mitaro e Namur deixam de mexer na boca de Lis. Olham suas pernas com atenção) Que joelhos!

Namur: Como todos os joelhos. (Mitaro passa a mão nos joelhos de Lis)

Mitaro: Olhem a covinha que tem aqui. (Namur toca a concavidade, Toso coloca o ouvido no peito de Lis, escutando com atenção)

Toso: (Friamente) Está morta.

Mitaro: Lá vem você de novo com suas idéias.

Toso: (Friamente) Está morta porque não se ouve seu coração batendo.

Mitaro: O que?

Toso: Ela não respira.

Namur: (Coloca o ouvido no peito de Lis) É verdade, não se ouve seu coração.

Mitaro: Então ela está morta?

Toso: Sem dúvida.

Namur: É preciso dizer isso a Fando.

Mitaro: Claro. (Mitaro e Namur vão até onde Fando está. Ele trabalha com afinco costurando o seu tambor)

Namur: (Para Fando) Olhe, Lis está morta.

Fando: (Atordoado) Lis está morta?

Namur: Está. (Fando vai até Lis. Olha ela com respeito, com grande tristeza. Abraça-a, ajeitando-a. A cabeça de Lis cai, inerte, para trás. Fando não diz

nada. Os três homens de guarda-chuva, de pé e sérios, tiram os chapéus. Fando coloca o corpo de Lis no chão com cuidado. Fando está quase chorando. Coloca sua testa no ventre de Lis. É provável que chore.)

(Black-Out)

Quinto Ato

(No palco: Namur, Mitaro e Toso)

Mitaro: Ele prometeu que quando ela morresse, iria visitá-la no cemitério, levando uma flor e um cachorro.

Namur: Não é nada disso, tonto, o que ocorreu foi que ela disse para ele que queria se matar. Ele respondeu que era a melhor coisa a ser feita. ~~Depois, ela e os dois homens roubaram e mataram o bilheteiro para poderem pagar a prestação do triciclo. Então, os três foram comprar sanduíches de anchova e pagar a prestação, mas, vieram os guardas e, sem mais sem menos, os levaram.~~

Mitaro: ~~Se me lembro bem, um deles passava o tempo todo dormindo, e fazia questão de não pensar porque era aborrecido. Então, seu amigo disse que melhor que pensar era contar piadas, mas ele respondeu que não sabia nenhuma piada...~~ (Pensando) Acho que essa é outra história. O que eu realmente quero falar é sobre a história do homem que levava num carrinho uma mulher paralisada ~~que esperava Tar. Eles seguiam para Tar. Me lembro que ele disse que ouvira dizer que era muito difícil chegar em Tar, mas que tentariam. Depois ele disse a ela que, quando chegassem a Tar, comporia lindas músicas como a canção da pena, e tocava tambor só para ela. Foi nesse momento que se abraçaram.~~

Namur: Não, foi nesse momento que ela descobriu que ele levava no bolso algemas para prende-la. Ele disse que aquela coisa não servia para nada, mas guardou-as. Então ela ficou zangada e disse que...

Mitaro: Não, não, está tudo trocado, você está confundindo tudo. ~~O que aconteceu foi que chegou um guarda desmiolado e disse que o velho da flauta não entendia nada porque era besta com seus pés, além disso, estava entediado.~~ (Pausa) Logo em seguida, entraram ~~dois~~ ³ homens. Um tocava sanfona e o outro tocava máquina de escrever.

Namur: Ah! Agora me lembro, estavam num cemitério de automóveis. E tinham uma vida muito triste, porque não podiam trocar de instrumentos.

Mitaro: Claro que podiam.

Namur: Mas isso foi depois. Também apareceu um homem inteligente que mostrou tudo que sabia, deixando todo mundo atordoado. (Retificando) Mas antes ocorreu que a discussão dos homens do guarda-chuva, sobre se sabiam ou não sabiam tomar precauções.

Toso: O que aconteceu foi que ele morava com sua mãe e desejava fugir de casa porque lhe davam pouco alimento, apenas lentilha aguada e um ovo duro

para comer. Neste contexto ficou muito doente, com dor da garganta. Apesar da situação, sua mãe continuou sem dar-lhe de comer direito e, assim, acabou ficando tuberculoso. A culpa caiu toda sobre ele, até mesmo quando contou para o irmão o que a mãe fazia com ele. O irmão não acreditou em suas palavras e chegou a repreende-lo por dizer tal disparate da própria mãe. Procurando uma saída, ele percebeu como sua mãe havia maltratado seu pai que estava preso e a ponto de enlouquecer – mesmo que o diretor da penitenciária tenha dito que o pai nunca recebera uma única carta. Aconteceu então que o filho não mais sabia realmente se sua mãe era culpada por sua enfermidade e da loucura do pai. Isso começou a atormenta-lo, dizia que nada estava claro e não tinha mais certeza de tudo o que havia pensado até aquele momento... (*Namur e Mitaro ouvem as palavras de Toso mas demonstram aborrecimento*)

Namur: (*Interrompendo*) Qual o propósito de tudo isso?

Mitaro: Você não percebe o quanto nos incomoda? (*Toso se cala*)

Namur: Ele é um caso perdido.

Mitaro: É melhor agir como se ele não existisse.

Namur: Bem, onde paramos?

Mitaro: Eu estava dizendo que ele havia prometido que iria visitá-la no cemitério levando uma flor e um cachorro.

Namur: Não, isso é antes. O que eu dizia era como a moça ficou triste quando viu que ele não sabia desenhar um burro, nem sequer o rabo do animal...

Mitaro: Isso, ela ficou triste. (*Pensando*) Mas o que aconteceu foi que ela levantou a saia para atrair o bilheteiro, então o sujeito se aproximou e ele os mataram e depois pularam o muro.

Namur: Não, não foi assim. O que aconteceu foi que eles não sabiam nenhum método para ordenar as coisas e também estavam preocupados porque ele havia dito que se achassem o plano ruim, não precisavam se preocupar com nada. Foi quando ele achou que era melhor avaliar as coisas. (*Fando entra com uma flor e um cachorro amarrado numa corda de cânhamo. Namur, Mitaro e Toso, em silêncio, olham para Fando, que cruza o palco. Talvez Fando pareça cansado*) Vamos acompanhá-lo.

Mitaro: Sim.

Toso: Quando vamos para Tar?

Namur: Primeiro vamos acompanhá-lo, depois seguiremos para Tar, os quatro.

Mitaro: É, todos juntos. (*Os três homens começam andar atrás de Fando. No meio do palco, tiram os chapéus e recomeçam a andar, saindo de cena*)

Fim